

## CAPÍTULO 10

# GEOGRAFIA DO/NO (GEO)CIBERESPAÇO: BNCC E SUAS DEFICIÊNCIAS - DAS CATEGORIAS TRADICIONAIS AO CIBERESPAÇO (PARTE 1)



<https://doi.org/10.22533/at.ed.9921125180310>

*Data de aceite: 02/07/2025*

**Ednaldo Emilio Ferraz**

Graduado e especialista em Geografia pela FAFOPST. Mestre em Ciências Sociais pela UFRN. Professor lotado na rede pública de ensino do Estado de Pernambuco. Experiência na rede privada de ensino, cursinhos preparatórios para ENEM e no ensino superior (graduação e pós-graduação). Ex-membro do CEP/UNIFIS  
<http://lattes.cnpq.br/1707761071392335>

**RESUMO:** Existe uma Geografia escolar do/e para o ciberespaço (e ao espaço virtual) no século XXI no Brasil? Acredita-se que não ainda, não em sua organização didática voltada aos estudantes brasileiros. O que existe é uma Geografia dos séculos passados tentando interpretar um fenômeno quase que exclusivo do século XXI, onde, os geógrafos aplicam conceitos tradicionais de fenômenos da espacialidade concreta para fins de compreensão de fenômenos hodiernos e em espacialidades virtuais com o acréscimo da letra C ou E de ciber e eletrônico (online), para as categorias, como, c-espacos os c-lugares ou e-territórios, como em

alguns trabalhos pioneiros<sup>1</sup>, distantes de nós pelo menos duas décadas. No presente texto serão as categorias geográficas no ciberespaço tratadas de cibercategorias (ciberlugar, ciberterritório, ciberpaisagem e ciberregião). Estaria ainda a Geografia e os geógrafos “despreparados” para um mundo que geográfico que se apresenta ao professor do século XXI? A Geografia do século XXI no Brasil (não só) encontra-se devedora quanto a investigação do ciberespaço pela óptica epistemológica da ciência geográfica, pois, acredita-se que é partindo de seu escopo teórico fundado em abordagens de seu objeto concreto (espaço geográfico) e de sua presença na imaterialidade virtual e sua constante retroalimentação que se deve enquanto professor de Geografia buscar empreender suas investigações. Conquanto a Geografia que se faz no Brasil do século XXI em suas primeiras décadas no âmbito escolar pouco tem se debruçado sobre o mundo virtual ou o ciberespaço. O presente trabalho faz uma breve análise das condições da Geografia brasileira sobre a dimensão do virtual, primeiro em documentos oficiais (BNCC) e suas orientações, com o objetivo de identificar as temáticas e as categorias

<sup>1</sup> BAKIS, (1997) e BATTY (1997).

de suporte a abordagem da espacialidade virtual. Contudo, buscou-se inicialmente destacar as categorias tradicionais e como estás podem colaborar na investigação do virtual, se é possível, fez-se rápida abordagem teórica e em seguida buscar-se-á dialogar com teóricos que apontam para a necessidade de construir uma Geografia Virtual antes de discutir os documentos oficiais, a BNCC.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia. Categorias. Geociberespacialidade. BNCC.

## GEOGRAPHY OF/IN (GEO)CYBERSPACE: BNCC AND ITS DEFICIENCIES - FROM TRADITIONAL CATEGORIES TO CYBERSPACE (PART 1)

**ABSTRACT:** Is there a school geography of/for cyberspace (and virtual space) in the 21st century in Brazil? It is believed that there is not yet, not in its didactic organization aimed at Brazilian students. What exists is a geography of past centuries trying to interpret a phenomenon almost exclusive to the 21st century, where geographers apply traditional concepts of concrete spatial phenomena for the purpose of understanding modern phenomena and virtual spatialities with the addition of the letter C or E for cyber and electronic (online), for categories such as c-spaces, c-places or e-territories, as in some pioneering works, at least two decades removed from us. In this text, the geographic categories in cyberspace will be treated as cybercategories (cyberplace, cyberterritory, cyberlandscape and cyberregion). Are geography and geographers still "unprepared" for a geographic world that presents itself to the 21st century teacher? Geography in the 21st century in Brazil (not only) is indebted to the investigation of cyberspace from the epistemological perspective of geographic science, since it is believed that it is based on its theoretical scope based on approaches to its concrete object (geographic space) and its presence in virtual immateriality and its constant feedback that one should, as a Geography teacher, seek to undertake their investigations. However, the Geography that is done in Brazil in the 21st century in its first decades in the school environment has little focus on the virtual world or cyberspace. This work makes a brief analysis of the conditions of Brazilian Geography regarding the virtual dimension, first in official documents (BNCC) and their guidelines, with the objective of identifying the themes and categories that support the approach to virtual spatiality. However, we initially sought to highlight the traditional categories and how they can collaborate in the investigation of the virtual, if possible, a quick theoretical approach was made and then we will seek to dialogue with theorists who point to the need to build a Virtual Geography before discussing the official documents, the BNCC.

**KEYWORDS:** Geography. Categories. Geociberspatiality. BNCC.

## INTRODUÇÃO

O presente texto é uma primeira parte de uma pesquisa “maior” que pretende dividir em dois momentos: inicialmente buscar-se-á explorar as categorias tradicionais e o espaço virtual nos documentos de orientação aos professores, para tanto, buscou averiguar a BNCC. A *posteriori* em uma segunda parte dessa pesquisa buscou identificar em livros didáticos, quanto a abordagem geográfica do espaço virtual e/ou ciberspaço.

A Geografia científica ao longo de sua História acadêmica consolidou como conceitos-chave: espaço (geográfico), conceito espacial de maior amplitude na ciência, e suas categorias de análise, com destaque para território, lugar, paisagem e região (definições no tópico a seguir), tendo estas categorias espaciais enorme influência sobre a conceituação da ciência geográfica, ora as descrevendo-as, as diferenciando-as, ora as explicando-as... Emergindo-as (as definições) da relação entre sociedades e a natureza.

Ao longo da evolução da Geografia, os geógrafos se concentraram sobre um espaço concreto, material, onde se estabelece as experiências econômicas, políticas, geopolíticas, simbólicas, culturais e sociais dos indivíduos e dos grupos em sociedade.

Com o advento da internet, dos jogos on-line, das salas de bate-papo, das lojas virtuais, da realidade expandida, da realidade virtual, das salas de videoconferências, das redes sociais, o metaverso e outros tantos “espaços” nessa imensidão virtual, um mundo inteiro, a Geografia não acompanhou na mesma velocidade a dinâmica das sociedades em suas “(r)e(e)laborações” espaciais, em meio as virtualidades. E quanto mais demorar os geógrafos a descortinar as dimensões geográficas, contudo não com as velhas categorias, mais difícil se torna o labor científico, como afirma Israel (2021), “na medida em que o lapso temporal entre os estudos geográficos e a complexificação da técnica aumente o percurso desta caminhada teórica” (p.234).

A caminhada tende a se tornar cada dia mais hercúlea, haja vista, as rápidas evoluções na “construção” do espaço virtual.

A existência humana se estende também para uma realidade não palpável, criada a simulacro e a extensão da realidade material, uma ampliação da tese de Platão (não buscaremos desenvolver tal tese)? Uma “terceira realidade”? Um “simulacro aperfeiçoado” da realidade sensível e imperfeita, como uma realidade potencializada, um mundo digitalizado, na ponta dos dedos.

Um espaço (virtual) que proporciona sensações, emoções e experiências... Dor, alegria, medo, felicidade, prazer... afeto, coragem, ansiedade, estresse, ou seja, a existência no mundo sensível se entrelaça ao virtual, estendendo as experiências para as duas realidades. Acredita-se que hoje seria tarefa árdua estabelecer onde encontrar o humano (em sua existência) já que se estende para além do palpável, onde se inicia e termina sua existência.

Surgem indagações que emergem a reflexão geográfica, a exemplos: As categorias tradicionais conseguem dizer de conta desse “espaço” em totalidade, mesmo adicionando letras para indicar a virtualidade ou o ciberespaço? E na imbricação dessas realidades, o que fazer o geógrafo? Precisa-se de novas categorias de cunho geográfico para se aplicar nessa nova realidade? Adianta-se a resposta a última pergunta, sim. Categorias que as denomino de *geovirtuais* (proposta nossa que será desenvolvida na segunda, mas principalmente na terceira parte desse trabalho).

Qual papel teriam novas categorias nesse ciberespaço para melhor compreender o mundo “real”? Ao certo que apenas ao colocar ao centro dos debates geográficos as categorias tradicionais, escapa-nos fenômenos contemporâneos dessa dupla realidade entrelaçadas, híbrida e fluída. Nos tópicos a seguir primeiro trataremos das categorias espaciais de território, lugar, região e paisagem. E em seguida do espaço virtual.

## AS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS: DEFINIÇÕES E APLICAÇÃO NO MUNDO MATERIAL. COMO USÁ-LAS NA VIRTUALIDADE?

O objetivo desse tópico buscará ser o mais sucinto possível e sem tentativas de conceituação que esgote a diversidade já proposta (no tempo e no espaço) pela Geografia quanto as suas categorias. Buscar-se-á principalmente as explicações conceituais de uso mais didático das categorias, em teóricos de relevo.

Embora não seja a nossa intenção, debruçar-se sobre tais categorias espaciais, até as esgotar conceitualmente (correntes geográficas, abordagens metodológicas e suas múltiplas dimensões - econômicas, políticas, culturais...), todavia torna-se necessário breve exposição destas e os fenômenos espaciais explorados e discutidos, pois, são nas categorias que se dá a ocupação do geógrafo, conscientemente e inconscientemente.

São conceitos-chave para a Geografia: Território, Lugar, Paisagem, Região, estando-as na atual configuração do Capitalismo, compondo as **Redes Geográficas**<sup>2</sup> em **escalas geográficas**, que vai do micro aos macros espaços, integrados. As categorias espaciais colaboram para a compreensão da complexidade do *espaço geográfico* (conceito chave na Geografia), conceituado por Milton Santos como “[...] um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (2006, p. 12). Deve-se geógrafo (e o leitor leigo) ter consciência que as categorias estão imbricadas umas nas outras em escalas geográficas diversas.

O espaço geográfico pode ser lido através do conceito de paisagem e /ou território, e/ou lugar, e/ou ambiente, sem desconhecer que cada uma dessas dimensões está contida em todas as demais. Paisagem contém território que contêm lugares que contêm ambientes valendo, para cada um, todas as conexões possíveis. (SUETEGARAY, 2000, p. 31)

Deve o geógrafo (ou professor de outra área que a leciona) ter a consciência da justaposição e imbricação entre as categorias, mas todas são extraídas do espaço geográfico.

Iniciemos pelo **território** que conceitualmente na Geografia comumente relacionam-se os processos de apropriação, posse, dominação, hegemonia, identidade coletiva, conflitos, soberania, mas principalmente as relações de poder sobre o espaço, delimitado

<sup>2</sup> “Um conjunto de localizações geográficas interconectadas” entre si “por um certo número de ligações”. (CORRÊA, 2011, p. 107). [...] “podemos entender as redes geográficas como um conjunto de locais da superfície terrestre conectado ou interligados entre si”. (OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p.04)

por divisas, limites e fronteiras. Em dimensões cada vez mais complexos, haja vista, os conteúdos econômicos, políticos, sociais, culturais e naturais embutidos (HAESBAERT, 2004, 2007, 2008), em escalas e temporalidades que vai do micro ao macro (LOPES DE SOUZA, 2000), tendo na dimensão política a mais marcante (HAESBAERT, 2004; 2007; SACK, 2011; RAFFESTIN, 1993).

Quanto ao **lugar**, antes referia-se apenas a localização, uma posição coordenada no espaço geométrico (HOLZER, 2019), na atualidade após reformulação desde meados do século passado o lugar em Geografia se refere na análise de espaços marcados pela relação de afeto, o cotidiano como característica marcante, as experiências, o enraizamento, o pertencimento, espaços preenchidos por memórias cristalizadas, um cenário de subjetividades humanas, refletidas na espacialidade

Alfred Hettner, Paul Vidal da la Blache, A. J. Herbertson (CONTEL, 2015), foram os precursores na sistematização da categoria de **Região** na Geografia, mesmo tendo uso desde o império romano (com objetivos administrativos do território a partir de um centro de comando) só no século XX a região ganhou novos contornos, compreendendo a região dentro de dois prismas, o primeiro como uma unidade formada pela articulação e interação entre elementos naturais (regiões naturais) e a segunda a partir da combinação entre os componentes naturais e culturais (regiões geográficas), pautado quase exclusivamente na descrição dessas combinações.

Deixou-se por último a **paisagem**, não por ser de menor relevância analítica, mas pelo contrário por ser nela onde o lugar, o território e a região se imbricam e são pelos sentidos humanos apreendidos como composto por quadros naturais e/ou humanizados, como resultante dessa relação (Homem-Meio), o que antes era um dado visual, nas interpretações mais atuais da paisagem inclui-se outros sentidos na apreensão, o olfato, tato e a audição, segundo Jorge Gaspar (2001), dado ao deslumbramento (observação), mas também a interpretação e explicação.

Metzger (2001) conceitua a paisagem como um todo, considerando as interações espaciais entre unidades culturais e naturais, incluindo o homem, resultando em uma combinação instável e dinâmica de elementos geográficos de um dado fragmento do espaço.

## O ESPAÇO VIRTUAL OU CIBERESPAÇO: O QUE É? E A CIBERCULTURA?

O virtual nos habita e habitamos o virtual na contemporaneidade. O espaço virtual pode ser conceituado como “[...] um espaço criado digitalmente que simula aspectos do mundo real<sup>3</sup> ou cria uma realidade completamente nova, acessível por meio de computadores ou dispositivos móveis [...]”<sup>4</sup> (DIDÁTICA TECH, s/d).

<sup>3</sup> O autor prefere o termo mundo material, haja vista, ser o virtual real

<sup>4</sup> Disponível em: <https://didatica.tech/o-que-e-um-ambiente-virtual-e-como-criar/#:~:text=Um%20ambiente%20virtual%20%C3%A9um,de%20computadores%20ou%20dispositivos%20m%C3%B3veis>.

No uso corrente, a palavra virtual é empregada com frequência para significar a pura ou simples ausência de existência, a “realidade” supondo uma efetivação material, uma presença tangível [...]. A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica. **É virtual o que existe em potência e não em ato** (LÉVY, p. 1996, grifo nosso)

Contudo, segundo, Rodrigo Maciel a Web 3.0 permitiu que as práticas humanas tornassem ato no espaço virtual (2024), pois, a Web de três décadas depois “[...] tem levado economias, comércio e processos de trabalho a migrarem para o espaço virtual” (p. 15). Sem, contudo, perder o virtual sua potência. Passados quase 30 anos da obra de Pierre Lévy (O que é o virtual? 1996) a relação do mundo concreto e o virtual intermediado pelas tecnologias, potência e o ato (da Filosofia aristotélica), tornou o mundo material e o virtual em potência e ato ao mesmo tempo, se retroalimentando em proporções cada vez mais comparáveis. Pois, o mundo material é potência a sua digitalização (ato) na virtualidade e o mundo virtual é potência a sua materialização (ato) no espaço geográfico.

O espaço virtual é composto por plataformas diversas, como: de streamings, de salas de videoconferência, e-commerce, delivery diversos, instituições financeiras, revistas/jornais, plataformas de vídeos, redes sociais, museus, editoras (como a que publicou o presente texto), bibliotecas (como esta onde o e-book encontrasse disponível), blogs, plataformas de vídeos, músicas e podcasts, Apps de táxi, sites empresariais, sites governamentais, de marketing, de comunicação, de relacionamento, consultoria, bolsas de valores, jogos e apostas, de criptomoedas, educacionais, buscadores, tradutores, (continue mentalmente), sem contar com as “camadas” da deepweb (espaços acessados mediante senhas ou por grupos exclusivos). Só para citar alguns exemplos desse “mundo” criado a simulacro e extensor do espaço material, onde e por onde, compramos, rezamos/oramos, vendemos, pagamos, transferimos, trabalhamos, aprendemos, ensinamos, entretemo-nos, divulgamos, namoramos, perdemos, ganhamos... Um mundo imaterial como cópia e extensão (“facilitadora”) do material, cada vez mais imbricados, amplificando nossa existência e nossas ações, agora realizando-se nos dois espaços, mutuamente impactando-nos. Podemos acessar em 2025 esse “espaço” por meio de computadores, notebooks, smartphones<sup>5</sup>, Smart Tvs, consoles de jogos (a exemplo dos PSs mais modernos), dispositivo de realidade virtual (VR), smartwatches, tablets e outros.

Um “mundo” inteiro criado e que a cada “dia” se expande, relativizando o espaço-tempo, só que mais acelerado que quando da divulgação da tese de David Harvey (1989; 2007; 2013), quanto a compressão do espaço-tempo, relativizando tais grandezas.

A cibercultura<sup>6</sup> é resultado da interação entre os usuários produtores-consumidores no espaço virtual, o ciberespaço, moldando, “novas formas de identidade, comunicação,

<sup>5</sup> Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), relativos ao ano de 2021, o aparelho é utilizado em 99,5% dos domicílios com acesso à Internet, a televisão, opção de acesso mais utilizada em 44,4% dos domicílios, segundo Mistério das comunicações (2022). Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2022/setembro/celular-segue-como-aparelho-mais-utilizado-para-acesso-a-internet-no-brasil>. Acessado em: abril de 2025.

<sup>6</sup> Sugere a leitura da obra de Pierre Levy, Cibercultura (1999).

consumo cultural e participação social” (SANTODIGITAL, 2018). Comportamentos influenciados nessa relação como o espaço virtual, impactam positivamente e/ou negativamente, os valores, atitudes, hábitos, ideologias e as relações interpessoais, moldando e até criando personalidades e identidades individuais<sup>7</sup> e coletivas.

## AS CATEGORIAS ESPACIAIS TRADICIONAIS E O VIRTUAL NA BNCC

Categorias que foram aplicadas historicamente a materialidade geográfica, pergunta-se, mais uma vez, adaptar as categorias tradicionais ao ciberespaço abarcam “todos” fenômenos ditos geográficos? Acredita-se que não. Sobre a Geografia do ciberespaço, Costa (2024) afirma, “[...] que diz respeito, evidentemente, a essa **nova geografia** produzida pela sociedade a partir do advento do computador, da internet, da chamada era digital e do incremento das tecnologias de informação e comunicação na lógica de produção do espaço. (p. 10, grifo do autor).

Essa Geografia por ser “nova”, tem-se também novos desafios aos geógrafos, desafios de compreender o ciberespaço, com pesquisas consistentes, não de um fenômeno a parte, mas sim, de compreendê-lo como uma extensão da materialidade espacial, tradicionalmente objeto da Geografia, ampliar o olhar geográfico para a imaterialidade a partir da digitalização da realidade material.

Pensar o ciberespaço em sua complexidade e amplitude, como uma cidade em constante expansão com suas diversas camadas e dinâmicas, nos leva a refletir sobre a aplicação das categorias geográficas tradicionais. Geógrafos brasileiros e internacionais têm se dedicado a investigar o ciberespaço, buscando adaptar conceitos clássicos como território, lugar, paisagem e região a essa nova realidade digital.

Tais adaptações resultaram em formulações como ciberterritório, ciberlugar, ciberpaisagem e ciberregião, entre outras nomenclaturas que buscam apreender a dimensão geográfica na virtualidade. No entanto, questiona-se se essas categorias, ao descreverem processos que se aproximam de suas aplicações no espaço material, são suficientes para abranger a totalidade dos fenômenos geográficos emergentes no ciberespaço? Haja vista, a rápida inovação e possibilidades nesse ciberespaço?

O ciberterritório, por exemplo, tem sido explorado para compreender as relações de poder, controle de dados, guerras cibernéticas e disputas por porções do ciberespaço (SILVA, 2014; GUITES; GUARNASCHELL, 2024). Ele abrange as tensões econômicas, políticas, ideológicas e culturais que se manifestam nas redes, mostrando a fluidez das fronteiras e a gestão de territorialidades e desterritorializações na virtualidade. Contudo, essa categoria, embora vital para a análise das dinâmicas de poder e acesso, não se debruça sobre a produção imagética do espaço com fins específicos, focando mais na infraestrutura e controle das redes.

<sup>7</sup> Ler as obras de Sherry Turkle, *O segundo eu: os computadores e o espírito humano* (2005) e *Gadged: Você não é um aplicativo* (2010) de Jaron Lanier.

O ciberlugar, por sua vez, aborda a noção de pertencimento e as comunidades digitalizadas, onde usuários interagem e se comunicam em torno de temáticas comuns, como em fóruns de discussão ou perfis de redes sociais (GUITES; GUARNASCHELL, 2024). Essa categoria é fundamental para entender a construção de identidades e as relações sociais no ciberespaço.

A ciberpaisagem, como representação do espaço percebida através das telas, capta a hibridização da percepção geográfica e o poder das imagens em moldar o entendimento de regiões, cidades e naturezas (VALLE, 2021). Ela abrange simulações de realidades virtuais, fotografias e jogos que sobreponem realidades. Neste contexto, a imagem possui um poder imenso de valorizar ou desvalorizar um espaço.

Fenômenos como o “efeito Medusa”, que cristaliza e estigmatiza um recorte espacial complexo a uma única dimensão através da propagação de imagens negativas (FERRAZ, 2022; FERRAZ; SABINO, 2025), demonstram a necessidade de uma lente que vá além da simples percepção da paisagem, investigando a ação social intencional de atores sociais por trás da construção e disseminação de tais imagens.

Por fim, a ciberregião, em propostas recentes (GUITES; GUARNASCHELL, 2024), sistematiza o ciberespaço em camadas como a surface web, deep web e dark web, classificando-as por características de conteúdo e formas de acesso. Essa abordagem é valiosa para entender a estratificação e a complexidade de acesso à informação no ambiente digital, ilustrada pela metáfora do iceberg<sup>8</sup>.

## BNCC: FUNDAMENTAL E MÉDIO

A seguir nos quadros 01 e 02 estarão dispostas as categorias, o documento e as definições. Observação: Em alguns casos serão extraídos recortes textuais na ausência da definição propriamente dita voltada a categoria, quando for apresentada de forma indireta (destaque em negrito).

Espaço	1. BNCC (fundamental) (1)	(1). “[...] espaço geográfico, fruto da ação humana sobre o planeta e sobre seus elementos reguladores” (p.381).
Território	1. BNCC (fundamental)	1. “[...] espaço da ação concreta e das relações desiguais de poder [...]” (p. 381)
Lugar	1. BNCC (fundamental) (1) (2) (3)	(1). [...] lugar [...], focalizam-se as noções de pertencimento e identidade. (p. 262) (2). [...] exige a compreensão das características de um lugar (localização, extensão, conectividade, entre outras), resultantes das relações com outros lugares. (p. 365) (3). [...] lugares de vivência. (p. 368)
Região	BNCC (fundamental) (1)	(1). “Ressalta-se que o conceito de região faz parte das situações geográficas que necessitam ser desenvolvidas para o entendimento da formação territorial brasileira”. (p. 382)

<sup>8</sup> <https://www.dashlane.com/blog/dark-web-iceberg-explained>

Paisagem	BNCC (fundamental) (1) (2)	(1) “Diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos [...] (p. 359) (2) [...] remete ao princípio geográfico de diferenciação espacial, que estimula os alunos a entender o ordenamento territorial e a paisagem [...] (p. 368)
Espaço virtual	BNCC (fundamental) (1)	[...] espaço em território usado – espaço da ação concreta e das relações desiguais de poder, considerando também o <b>espaço virtual</b> proporcionado pela rede mundial de computadores e das geotecnologias. (p. 381) (sem conceituação)

Quadro 01 - Categorias na BNNC do fundamental.

Fontes: BNCC, ensino fundamental, 2017 (organizado pelo autor)

Cabe algumas observações quanto a presença conceitual das categorias na BNCC (para ensino fundamental) organizadas no quadro supra. Primeira questão observada diz respeito a rarefação conceitual para espaço, conceito-chave e mais geral da Geografia, apenas apresentando um conceito simplificado de espaço na página 381 do documento. Outra questão, a categoria de lugar foi a que apresentou o maior arcabouço conceitual, incluindo elementos como vivência, identidade, pertencimento e até relacionando-a a localização, extensão e conectividade, o que não é mais comum a relação entre o lugar e a dimensão de localização em sua definição. E por último as categorias de região e paisagem aparecem no documento como suportes a compreensão das categorias de território e lugar, negligenciadas?

A seguir quadro 02 apresenta as categorias e suas definições nas orientações para o ensino médio (BNCC) para as ciências humanas e sociais aplicadas.

Espaço	BNCC- ensino médio (2)	(1) “[...] o conceito de espaço em suas diferentes dimensões, para além da noção de superfície terrestre, de país ou de nação. As relações entre sociedade e natureza em diferentes culturas, sua organização social, política e cultural [...]” (p. 550) (2) “[...] Espaço está associado aos arranjos dos objetos de diversas naturezas, mas também às movimentações das sociedades, nas quais ocorrem eventos, disputas, conflitos, ocupações (ordenadas ou desordenadas) ou dominações”. (p. 551)
Território	BNCC- ensino médio (1) (2)	(1) “Território é uma categoria usualmente associada a uma porção da superfície terrestre sob domínio de um grupo e suporte para nações, estados, países”. “Associa-se a ele também a ideia de poder, jurisdição, administração e soberania, dimensões que expressam a diversidade das relações sociais e permitem juízos analíticos”. (p. 552) (2) “Para além das marcações tradicionais do território, as cidades são repletas de territorialidades marcadas por fronteiras econômicas, sociais e culturais”. (p. 552)

Lugar	BNCC - ensino médio (1) (2)	(1) No espaço (em um <b>lugar</b> ) se dá a produção, distribuição e consumo de mercadorias. Nele são realizados fluxos de diversas naturezas (pessoas e objetos) e são desenvolvidas relações de trabalho, com ritmos e velocidade variados. (p. 551)  (2) [...] mobilizar a curiosidade investigativa sobre o seu <b>lugar</b> no mundo, possibilitando a sua transformação e a do lugar em que vivem, enunciar aproximações e reconhecer diferenças. (p. 553)
Região	BNCC- ensino médio	Não foi encontrado menção conceitual a categoria
Paisagem	BNCC- ensino médio	Não foi encontrado menção conceitual a categoria
Espaço virtual	BNCC- ensino médio (1)	(1) Esse é o primeiro passo para a formação de novos sujeitos protagonistas tanto no processo de construção do conhecimento como da ação ética diante do mundo real e <b>virtual</b> , envolvido por uma multiplicidade de culturas. (p. 555)

Quadro 02. categorias na BNNC para o ensino médio.

Fonte: BNCC, ensino médio, 2018 (organizado pelo autor)

Assim como observado anteriormente na exposição das categorias no quadro 1 da BNCC para o ensino fundamental. Na BNCC para o ensino médio as categorias de região e paisagem são negligenciadas conceitualmente, sem menção conceitual. Acredita-se, que por sua abordagem interdisciplinar, com o nome de Ciências Humanas e sociais aplicadas, tais categorias tiveram pouco espaço analítico, diferente para os conceitos de espaço, o território e de lugar.

A categoria de espaço associada ao de tempo são duas grandezas frequentes nas orientações para as humanas e sociais, contudo, mas objetivando recorrer ao conceito como “local” de eventos diversos, analisados pelo conjunto das ciências humanas e sociais.

O território e o lugar foram apresentados de forma conceitual apropriados, apresentando as dimensões de poder, dominação e administração para o primeiro e vivência (mesmo que associado a economia), embora faltando dimensões fundamentais como a identidade, a memória, o pertencimento, como foi feito para o ensino fundamental. Percebe-se que as categorias espaciais apresentadas no presente tópico e no anterior convergem em suas definições, com pequenas faltas conceituais. O conceito de espaço virtual indiscutivelmente o mais negligenciados nos dois documentos na área de ciências humanas e sociais.

Acredita-se que as categorias espaciais (tradicionais) não conseguem tratar todos os fenômenos socioespaciais surgidos nesse primeiro quartel de século, a Geografia possui limitações teórico-metodologias quanto as virtualidades.

A Geografia (e o geógrafo) grita por respostas urgentes para o atual cenário de hibridismo espacial dos indivíduos. A Geografia contemporânea ainda é quase exclusivamente da relação homem-natureza no espaço material.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este mapeamento revela lacunas significativas na abordagem geográfica do espaço virtual pela BNCC: Definições superficiais ou ausentes, especialmente para “espaço virtual”, sem detalhamento conceitual. Categorias tradicionais não são adaptadas com rigor epistemológico, não conseguem abarcar todas as dinâmicas. Limites no ensino médio, onde importantes categorias (região, paisagem) estão sem definição, e o virtual é apenas mencionado, sem autonomia conceitual.

Tais deficiências ressaltam a necessidade de: desenvolver categorias analíticas próprias para o ciberespaço, não apenas adaptações das categoriais tradicionais. Implementar documentos oficiais e materiais didáticos que incluam tais categorias com bases teóricas sólidas. Ampliar práticas pedagógicas para refletir essa dimensão híbrida entre virtual e material, promovendo problematização crítica sobre o papel das tecnologias digitais na conformação do espaço geográfico.

Na segunda parte deste trabalho, será apresentado o cenário dos livros didáticos quanto a abordagem da Geografia na virtualidade e a conceituação de geovirtualidade (e/ou geociberespacialidade).

## **BIBLIOGRAFIA**

BRASIL. Ministério da Educação. Bases Nacionais comum curriculares (BNCC). Brasília, DF: MEC. CNE, 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Bases Nacionais comum curriculares (BNCC). Brasília, DF: MEC. CNE, 2018

CASTELL, Manuel. Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FERRAZ, E. E. Sertão! até quando? combatendo o efeito medusa. In: Sociologia: e as formações sociais 2. / Organizador Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

FERRAZ, E. E. SABINO, Gustavo Bezerra Sabino. Por Uma Nova Geografia Regional: então vamos começar pelo Sertão! In: A educação enquanto fenômeno social: ciência, cultura e políticas públicas 3. Ponta Grossa - PR: Atena, 2025.

FERREIRA, J. Lugar, espaço e Geografia do real ao virtual na sociedade do conhecimento. Lisboa: Revista da faculdade de ciências sociais e humanas, n.º 18, edições colibri, 2006. p. 59-8)

GUITES, Airton Rosa Lucion; GUARNASCHELLI, Luis Fernando Pesce. Ciberespaço e a virtualização das categorias de análise geográficas: uma proposta na definição de ciberregião e sua interescalaridade. Geosul, Florianópolis, v. 39, n. 90, p. 325-346, mai./ago. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/100488> Acessado em: 22 de maio de 2025.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. Território e multiterritorialidade: um debate. Revista GEOgraphia, Niterói, v. 9, n. 17, 2007, p. 19-46.

\_\_\_\_\_. Espaço como categoria e sua constelação de conceitos: uma abordagem didática. In: TONINI, I. et al. O ensino de Geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: UFRGS, 2011. p. 109-120.

HARVEY, D. (1989). The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of social change. Oxford: Blackwell Publishers.

HOLZER Werther. Conceitos Fundamentais da Geografia. Niterói. Vol. 21. Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal Fluminense. GEOgraphia N. 47, 2019: set./dez.

LEVY. Pierre. O que é o virtual. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. Cibercultura. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACIEL, Rodrigo Airton da Silva M152o Um olhar geográfico sobre o espaço virtual: uma breve análise bibliográfica sobre como a geografia pode contribuir para o entendimento das dinâmicas no espaço virtual / Rodrigo Airton da Silva Maciel.- Rio de Janeiro, 2024. 35 f.

RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

SACK, R.D. O significado de territorialidade. In: DIAS, L. C.; FERRARI, M. (Orgs). Territorialidades humanas e redes sociais. Florianópolis: Insular, 2011, p. 63-89.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 73-94.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SILVA, C. A. F.; TANCMAN, M. A dimensão Socioespacial do Ciberespaço: uma nota. GEOgraphia. Ano, nº 2, 1999.

SUERTEGARAY, Dirce M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. In: SUERTEGARAY, Dirce M. A.; BASSO, Luis A.: VERDUM, Roberto. Ambiente e lugar no urbano – A Grande Porto Alegre. Ed. Universidade/ UFRGS, 2000

VACCARO, Marina Menegueti, *Et Al.* Entre o mundo atual e o mundo virtual: contradições e mediações na intersubjetividade, na sociabilidade e na produção de conhecimento. VII CIPSI, Psicologia, políticas públicas e desafios em tempos sombrios. Maringá: Campus UEM, 2018.

VALLE, Luis. O ciberespaço na percepção e construção do espaço geográfico: desafios na produção de conhecimentos. Dissertação (Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas/SP, 2021.